

A lógica da competição

Há uns dias (28.3.2018) publiquei, em meu site, um editorial intitulado “O time dos perdedores”.

Esse editorial agradou a muita gente. Foi muito reproduzido, e fui muito cumprimentado.

Quero, hoje, criticá-lo.

Começo dando uma volta, e refletindo sobre a situação política do Brasil, que à maioria das pessoas deixa deprimidas, aflitas, amarguradas. Ouvem-se muitos comentários assim: “é o fim do mundo”; e: “onde iremos parar?”.

Bem, acho que estamos nessa situação por duas razões: 1) nós, brasileiros, não damos a mínima para a lei e para a Constituição; 2) nós, modernos, sucumbimos à lógica da competição.

Começemos pela primeira. É natural que as pessoas, ao discutirem política, passem a sua indignação, e o seu senso de justiça, à frente do Direito. Mas isso não deveria acontecer com quem recebeu formação jurídica, ou filosófica. Sabemos que a política é traço evolutivo da guerra, e, o Direito, traço evolutivo da política. Sabemos que o Direito é a única garantia da nossa convivência civilizada, e que, para a solução de qualquer litígio, o remédio é a aplicação das leis e da Constituição; mesmo que suas normas nos pareçam, no momento, imperfeitas, e mereçam correção. Sendo a Constituição o pacto da nossa convivência, boa ou ruim temos o dever de cumpri-la; e, se a julgamos inadequada, temos igualmente o dever de lutar, segundo as vias possíveis, pela sua reforma.

Passemos, agora, à segunda razão, com o que nos aproximamos do editorial que estou criticando. Na sua redação, utilizei um expediente do discurso estratégico, ou, em outras palavras, da velha retórica (como se faz na propaganda, que não se dirige à razão, mas aos desejos e emoções). Creio que nós brasileiros, acostumados ao clima do futebol, passamos a aplicar a mesma lógica a todo o espectro social. Colocamo-nos assim, ante os fatos

políticos, como torcedores. Se levarmos adiante esse vício (o do fanatismo), que levou à realização de jogos de futebol com torcida única, estaremos amanhã divididos em duas trincheiras, atirando uns nos outros.

Após a publicação do meu editorial, anteontem, um correspondente de longos anos, que em dias melhores frequentava, comigo, congressos jurídicos, pediu-me para retirar seu nome da minha lista de contatos. Estava, evidentemente, irado com o que escrevi. Mas não me disse porque. Seria melhor, para meu aprendizado, que o tivesse feito. O melhor comentário que recebi foi o de um velho amigo, que escreveu: “vejo que, em algumas coisas, sou do partido dos perdedores”. Enxergando-se a si mesmo, ele está no caminho da sabedoria indicado por Sócrates: conhece-te a ti mesmo.

Uma análise daquele editorial mostra que ele é contraditório em muitos pontos. Mas seu defeito básico é seu pressuposto, e sua contradição fundamental viria a nu se eu lhe tivesse acrescentado um tópico como este: “quem acha que faz parte, ou que precisa fazer parte de algum time, é vítima da lógica da competição”.

Porque, na verdade, sejamos heréticos ou ortodoxos, somos todos irmãos, e a única atitude que pode nos salvar é um olhar de compaixão sobre cada um de nós e sobre todos. Esta reflexão, aliás – percebo agora – vem a calhar na semana da Páscoa.